



ESTACA ZERO TEATRO é um colectivo de individualidades criativas que se movimentam no campo das artes performativas e do teatro em geral. A plataforma artística desenvolve a sua pesquisa teatral no Porto, numa parceria cultural com a JUNTA DE FREGUESIA DE PARANHOS, desde 2007, e o CACE Cultural do Porto - IEFP, desde 2009.

MINEIRO, co-produção com o ENTRETANTO TEATRO (2007) e **CIÊNCIA NA RUA** (Julgamento de Galileu / Os Hemisférios de Magdeburg) co-produção com o PINTAROLAS / TOCA RUFAR / CENTRO CIÊNCIA VIVA ESTREMOZ / UNIVERSIDADE DE ÉVORA (2007/08) foram os projectos de lançamento da estrutura.

ALBA (2008), a partir de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, foi a produção resultante da primeira residência artística ESTACA ZERO TEATRO na Grãzeira, Serra de Montemuro.

SERAFIM E MALACUECO (2008), a partir de *Serafim e Malacueco na Corte do Rei Escama*, de António Torrado, e, **WRESTLER** (2009), baseada no mundo do Wrestling, produções teatrais para a infância são regularmente apresentadas em diversas instituições públicas e privadas e agrupamentos escolares.

FRANK (2009), a partir de *O Diário de Anne Frank*, assim como **10X10** (2009), produção financiada pelos Apolos Portugais do Ministério da Cultura / Direcção-Geral das Artes, a partir de textos de Ana Maria Fortuna, Catarina Aidos, Rita Bumester, Tiago Montenegro, Nuno Brito, Tiago Patrício, Sanchita Islam, Nina Rápi e Vera Cunha, a performance teatral *à la carte* estão actualmente em itinerância. Paralelamente à produção e pesquisa teatral, o ESTACA ZERO TEATRO organiza e orienta oficinas de teatro e projectos de formação de teatro e formação de públicos com outras instituições públicas e privadas, nomeadamente, a JUNTA DE FREGUESIA DE PARANHOS, a CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR (2009), a FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE e o MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS.

de volta à estaca zero, sempre!



ESTACA ZERO TEATRO

Associação Cultural
Auditório Horácio Marçal
Rua Álvaro de Castêlões
4200-147 Porto Portugal
+351 916 529 041
zero@estacazeroteatro.com
estacazeroteatro.com



dé -jà vu

as salas de espera
de Mim
pesam quilos no Meu querer
Tu chegas sempre
Eu volto sempre
primeiro
amanhã



déjà vu

Também denominado como paramnesia ou promnesia, 'déjà vu' é a experiência de se estar certo que já se testemunhou ou experimentou uma nova situação anteriormente. O indivíduo sente como se o evento já tivesse acontecido no passado, embora as circunstâncias do evento anterior sejam sempre pouco precisas. Introduzida na linguagem médica por Émile Boirac no livro *L'avenir des sciences psychiques* (1876), a experiência de 'déjà vu' é normalmente acompanhada por uma convincente sensação de familiaridade, e também por uma sensação de estranheza, o que Sigmund Freud viria a denominar de 'estranho' *uncanny*. A experiência de 'déjà vu', expressão francesa que pode ser literalmente traduzida como 'já visto', parece ser bastante frequente entre adultos e crianças. O fenómeno largamente explorado em psicologia e neurofisiologia, explica-se, não como uma 'precognição' ou 'profecia' mas, antes como uma anomalia da própria memória, provocando a impressão que o acontecimento actual 'está a ser lembrado'. De uma forma mais específica, o fenómeno tende a ser justificado como um desfasamento da visão, em que um olho regista informação mais rapidamente que o outro, criando a forte 'sensação de recolocação' na 'cena' vista pelo olho oposto algumas milésimas de segundos mais tarde. Uma teoria reducionista que cai por terra com a potencial experiência de 'déjà vu' com qualquer um dos outros sentidos. Erro ou certeza, verdade ou ficção, algumas milésimas de segundo ou um passado por inteiro, a experiência de déjà vu parece ser algo na qual a própria sociedade se constrói, uma familiaridade estranha na repetição deste ciclo vicioso, o qual retoma invariavelmente à questão básica da relação com o Outro. *A Cena do Ódio*, 'excertos de um poema desbaratado', escrito por José Almada Negreiros, 'durante os três dias e as três noites que durou a revolução de 14 de Maio de 1915', exalta os vícios, os derrotados, os ultrajados, os religiosos sexualmente frustrados e discrimina o homem civilizado. E o que parece ser, à partida, um texto datado que fala de um Portugal arcaico ou de uma sociedade portuguesa já ultrapassada, revela-se não com a distância temporal de um século inteiro, mas com a simultaneidade temporal de algumas milésimas de segundo de um piscar de olho. Partindo do conjunto de aliterações e paronímias, as imagens de gozo

sádico e a profusão de personagens sociais do texto original, DÉJÀ VU manifesta-se num corpo de paradoxos: uma vulgar cena familiar com um diálogo extra ordinário; uma atmosfera realista cuja acção ganha contornos surrealistas; e uma família de estereótipos que redescobrem o herói / anti herói que habita no íntimo cada um de nós. De entre 'aristocratas, intelectuais, canalha, gente simples operária, rural ou varina, empregados citadinos, políticos, jornalistas, tropa e o burguês', cinco personagens encontram-se à volta de uma mesa para um jantar que vai acabar por revolucionar os seus passados entrelaçados, o presente comum a todos nós e um futuro desconhecido. Discutir o modo de viver das diferentes personagens, ainda que estereotipadas, pessoas muito reais; discutir um Portugal passado e futuro, mas que representa ainda o modo como vivemos hoje; descobrir o herói e o anti herói de cada um de nós; tomar-se á, numa experiência surreal de 'déjà vu'.

dos amores e desamores imaginários

DÉJÀ VU encerra uma trilogia informal de pesquisa teatral, que teve o seu início com ALBA (2008), a partir de 'A Casa de Bernarda Alba' de Federico Garcia Lorca, seguindo-se FRANK (2009), a partir de 'O Diário de Anne Frank', e, por último, a adaptação de 'A Cena do Ódio' de José de Almada Negreiros. Três textos muito distintos em termos formais, mas muito próximos de uma temática que se prende com as grandes paixões de juventude, quando o indivíduo se forma e se assume enquanto homem, mulher, animal, cidadão, eu e outro. Textos que marcam esta fase de transição, verdadeira metamorfose dentro e fora do corpo, na integração ou repúdio deste na relação com uma sociedade invariavelmente retratada em períodos de agitação política e social, obrigando à própria redescoberta do homem e da mulher; herói / anti herói do tempo presente, seja este qual for. Da Guerra Civil Espanhola à Segunda Guerra Mundial, da Revolução de Maio ao Portugal de hoje, os textos e os próprios espectáculos retratam os amores e desamores imaginários e reais da juventude, que marcam também a afirmação de uma estrutura de criação, ainda jovem, e a descoberta interna de uma linguagem interdisciplinar numa prática teatral própria. Como Almada escreveu: 'Se te não vês, concentra te, procura te!'

[1] José de Almada Negreiros, extracto de *A Cena do Ódio*, Maio 1915.

A produção inclui extractos de *A Cena do Ódio* por Mário Viegas em *Palavras Ditas*, RTP - Rádio Televisão Portuguesa, 1984.

A ESTACA ZERO TEATRO agradece o apoio concedido por parte do CACE Cultural do Porto - IEPF, Instituto do Emprego e Formação Profissional; TNSJ - Teatro Nacional São João; PANMIXIA Associação Cultural; LIDERGRAF Artes Gráficas, SA; EKYART Meios Publicitários; FG Acrílicos; WABI SABI pilates studio; THYRO e OPORTOCOOL.

A ESTACA ZERO TEATRO agradece ainda a Alcino Ferreira Sousa, Ana Luísa Sá, Augusto Oliveira, Cidália Lima, Fernanda Rocha, Fernando Gonçalves, Hugo Martins, João Lopes, José Sousa, José Carefas, José Gonçalves, Liliana Carneiro, Maria Clara Sousa, Margarida Wellenkamp, Miguel Flor, Paulo Gomes, Pedro Ferreira, Rogério Pinto, Salvador Santos e a todos os citativos envolvidos na produção que generosamente ofereceram a sua arte.

a partir d' **A CENA DO ÓDIO**
de **JOSÉ ALMADA NEGREIROS**

conceito, adaptação e dramaturgia
encenação, dispositivo cénico e desenho de luz
EMANUEL DE SOUSA
música original / interpretação **TIAGO ALMEIDA**
vídeo art **VICTOR CARVALHO**
figurinos **ESTACA ZERO TEATRO**

interpretação
ALEXANDRE SÁ, DANIELA GONÇALVES,
EMANUEL DE SOUSA, PEDRO DIAS e RITA VIEIRA

execução dispositivo cénico
ESTACA ZERO TEATRO
execução de figurinos e adereços
A MANIA DA MARIA by Patrícia Sousa e
MARGARIDA FERNANDES

imagem gráfica **LINHA DE PARTIDA**
teaser **FRANCISCO LOBO**
making of / registo vídeo **VICTOR CARVALHO**
fotografia de cena **VITOR LEITE**

produção **ESTACA ZERO TEATRO**
apoios **CACE CULTURAL DO PORTO IEPF,**
TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO, PANMIXIA,
LIDERGRAF ARTES GRÁFICAS, FG ACRÍLICOS,
EKYART MEIOS PUBLICITÁRIOS, THYRO,
WABI SABI PILATES STUDIO e OPORTOCOOL.

classificação etária **maiores de 12 anos**
duração aproximada **90 minutos**

CACE Cultural do Porto
8 Setembro 2010 / estreia

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espectáculo. O uso de telemóveis, pagers, relógios ou outros aparelhos com sinal sonoro é incómodo para o intérprete e para os espectadores.